

RESSALVA

Atendendo solicitação do(a) autor(a), o texto completo deste trabalho será disponibilizado somente a partir de 28/04/2026.

JANAINA JENIFER DE SALES

**Natureza, Infância e Metalinguagem em Charles Baudelaire e Manoel de
Barros**

ASSIS

2023

JANAINA JENIFER DE SALES

**Natureza, Infância e Metalinguagem em Charles Baudelaire e Manoel de
Barros**

Tese apresentada à Universidade Estadual Paulista
(UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis,
para obtenção do título de Doutora em Letras (Área
de conhecimento: Literatura e Vida Social)

Orientadora: Professora Doutora Daniela Mantarro
Callipo

Bolsista: Coordenação de Aperfeiçoamento de
Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) –
Código de Financiamento 88882.432684/2019-01

ASSIS

2023

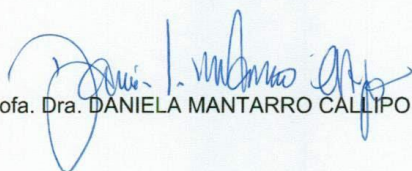
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Ana Cláudia Inocente Garcia - CRB 8/6887

- S163n Sales, Janaina Jenifer de
Natureza, infância e metalinguagem em Charles
Baudelaire e Manoel de Barros / Janaina Jenifer de Sales. —
Assis, 2023
175 f. : il.
- Tese de Doutorado - Universidade Estadual Paulista
(UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis
Orientadora: Dra. Daniela Mantarro Callipo
1. Baudelaire, Charles, 1821-1867. 2. Barros, Manoel de,
1916-2014. 3. Literatura comparada - Brasileira e francesa.
4. Literatura comparada - Francesa e brasileira.
5. Metalinguagem. I. Título.

CDD 809

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA TESE DE DOUTORADO DE JANAÍNA JENIFER DE SALES, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS - CÂMPUS DE ASSIS.

Aos 28 dias do mês de abril do ano de 2023, às 14:00 horas, no(a) Sala Multiuso Prédio I (Videoconferência) e Sala Virtual: meet.google.com/vzq-srha-iwn, realizou-se a defesa de TESE DE DOUTORADO de JANAÍNA JENIFER DE SALES, intitulada **Natureza, Infância e Metalinguagem em Charles Baudelaire e Manoel de Barros**. A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Profa. Dra. DANIELA MANTARRO CALLIPO (Orientador(a) - Participação Presencial) do(a) Departamento de Letras Modernas / UNESP/FCL - Assis, Profa. Dra. CARLA CAVALCANTI E SILVA (Participação Presencial) do(a) Departamento de Letras Modernas / UNESP/FCL - Assis, Prof. Dr. FABIANO RODRIGO DA SILVA SANTOS (Participação Presencial) do(a) Departamento de Estudos Linguísticos, Literários e da Educação / UNESP/FCL-Assis, Profa. Dra. PATRÍCIA LINO (Participação Virtual) do(a) Universidade da Califórnia/Los Angeles, Profa. Dra. LAURA TADDEI BRANDINI (Participação Virtual) do(a) UEL/Londrina - PR. Após a exposição pela doutoranda e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, a discente recebeu o conceito final: APROVADA. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.


Profa. Dra. DANIELA MANTARRO CALLIPO

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo, a partir da análise comparativa entre poemas escolhidos de Manoel de Barros e Charles Baudelaire, ressaltar semelhanças e diferenças entre essas duas poéticas, principalmente sob o aspecto da visão sobre a Natureza, sobre a Infância e sob o ponto de vista da Metalinguagem. O trabalho consiste na análise comparativa entre poemas escolhidos em diversas obras de Manoel de Barros e poemas em prosa de *Le spleen de Paris* (1869), de Charles Baudelaire, segundo os eixos temáticos citados anteriormente. Para tanto, conceituamos em que consistem cada um dos temas tratados e quais nuances seriam evocadas por meio das análises, de modo a relacionar os poemas entre si, bem como entre os eixos temáticos traçados. Desse modo, procuramos refletir sobre os textos à luz de referências de diversos domínios do conhecimento relacionadas a cada um dos temas, como por exemplo, a filosofia e a fenomenologia, em que buscamos compreender a ideia de infância em relação à origem e à memória, neste trabalho representadas, principalmente, por Bachelard e Dufrenne; a antropologia, quando pensamos sobre a noção do perspectivismo ameríndio, pensada pelo antropólogo Viveiros de Castro, e da qual nos valem como um princípio norteador de uma outra lógica de mundo em relação a uma visão sobre a Natureza, além de evocarmos as diferenças entre Natureza e Paisagem, pontuadas principalmente pela filósofa e crítica de arte Anne Cauquelin. Para tratar das Infâncias, trouxemos perspectivas históricas, a fim de buscar entender transformações das noções de Infância com o passar do século XIX para o século XX até chegar aos dias de hoje, e também por isso optamos por tratá-la no plural. Para a compreensão e análises dos aspectos da Metalinguagem, nos valem de teóricos que versaram sobre a decolonialidade bem como sobre a ideia do silêncio na poesia moderna, como Aimé Césaire, Thiong'o, Barthes e Blanchot, respectivamente. Assim, esse trabalho propõe análises de parte da obra de um dos maiores nomes da poesia francesa do século XIX e estabelece um diálogo com uma das poéticas mais singulares e representativas da literatura brasileira contemporânea com o objetivo de comprovar que, para os dois poetas, o exercício poético ora associado à presença da Natureza, ora à da Infância ou, até mesmo, a sua própria construção autorreferente busca a composição de um *locus amoenus* moderno.

Palavras-chave: Manoel de Barros; Charles Baudelaire; Literatura Comparada; Natureza; Infância; Metalinguagem.

Résumé

Ce travail vise, à partir de l'analyse comparative entre des poèmes choisis de l'œuvre du poète brésilien Manoel de Barros et du poète français Charles Baudelaire, à mettre en évidence les similitudes et les différences entre ces deux poétiques, principalement du point de vue de la Nature, de l'Enfance et du Métalangage. La thèse consiste en une analyse comparative entre des poèmes choisis parmi plusieurs œuvres de Manoel de Barros et des poèmes en prose du *Spleen de Paris* (1869), de Charles Baudelaire, selon les axes thématiques évoqués ci-dessus. Pour ce faire, nous avons conceptualisé en quoi consistait chacun des thèmes traités et quelles nuances seraient évoquées à travers les analyses, afin de faire confronter les poèmes entre eux, ainsi qu'aux axes thématiques présentés. De cette manière, nous cherchons à réfléchir sur les textes à partir de références de différents domaines de connaissances liées à chacun des thèmes, comme, par exemple, la philosophie et la phénoménologie, dans lesquels nous cherchons à comprendre l'idée d'enfance par rapport à l'origine et à la mémoire, dans cet étude, principalement représentée par les théories de Bachelard et Dufrenne ; nous évoquons l'anthropologie, quand l'on pense à la notion de perspectivisme amérindien, pensée par l'anthropologue Viveiros de Castro, et qui nous sert de guide d'une autre logique du monde en rapport avec une vision de la Nature, en plus d'évoquer les différences entre la Nature et Paysage, ponctuées principalement par la philosophe et critique d'art Anne Cauquelin. Pour traiter de l'Enfance, nous avons apporté des perspectives historiques, afin de chercher à comprendre l'évolution des notions d'Enfance au cours du XIXe siècle et du XXe siècle jusqu'à nos jours, et c'est aussi pour cette raison que nous avons choisi de la traiter par son pluriel. Afin de comprendre et d'analyser les aspects du métalangage, nous avons fait appel à des théoriciens qui ont traité de la décolonialité ainsi que de l'idée du silence dans la poésie moderne, tels que respectivement Aimé Césaire, Thiong'o, Barthes et Blanchot. Ainsi, cette thèse propose des analyses d'une partie de l'œuvre de l'un des plus grands noms de la poésie française du XIXe siècle et établit un dialogue avec l'une des poétiques les plus singulières et représentatives de la littérature brésilienne contemporaine dans le but de prouver que, pour les deux poètes, l'exercice poétique tantôt associé à la présence de la Nature, tantôt à celle de l'Enfance, ou encore sa propre construction autoréférentielle cherche la composition d'un *locus amoenus* moderne.

Mots clés: Manoel de Barros; Charles Baudelaire; Littérature Comparée; Métalangage ; Enfance ; Nature.

À Sofia e Aurora

À minha estrelinha

Agradecimentos

Agradeço à minha orientadora, Professora Dra. Daniela Mantarro Callipo, que me mostrou o real sentido de orientação, norteadas por aquilo que Bell Hooks chamou de “ética amorosa”. Assim, espero seguir seus passos com generosidade, afeto, competência e amor por onde quer que passe.

Agradeço ao Professor Dr. Leonardo Tonus, que me recebeu para que eu pudesse realizar o sonhado estágio doutoral na Sorbonne Université – ainda que as condições sanitárias tenham limitado parte da experiência, devo dizer que valeu a pena.

Agradeço ao Luccas, que em nenhum momento soltou a minha mão e preencheu meus dias com boa prosa e com a poesia cotidiana.

Agradeço a Rosana e a Dona Tê, pelas idas à feira, pelas comidinhas trazidas para que eu pudesse poupar tempo e estudar, por tanto carinho.

Agradeço ao meu pai, pelo apoio sobretudo nessa etapa final da escrita da tese.

Agradeço ao Alecrim, que enche meus dias de alegria e foi meu fiel companheiro durante esse processo.

Agradeço às Professoras Doutora Carla Cavalcanti e Silva e Doutora Laura Taddei Brandini, que compuseram a Banca Examinadora da Defesa e dedicaram tempo e energia para a leitura do resultado final do meu trabalho.

Agradeço ao Professor Doutor Fabiano Rodrigo da Silva Santos, pela minuciosa leitura e contribuições para que meu trabalho fosse realizado, desde a etapa do Exame Geral de Qualificação.

Agradeço à Poeta e Professora Doutora Patrícia Lino, por toda a generosidade de suas leituras, pela sua fundamental contribuição sobre a obra de Manoel de Barros e tantos outros poemas e poetas.

Agradeço às amigas e aos amigos que compreenderam o porquê de tantas ausências e, mesmo assim, decidiram permanecer.

Agradeço ao João Danilo pelo trabalho que fizemos juntos, por me ajudar a chegar até aqui, depois de tudo.

Agradeço às amigas Débora, Patrícia, ao amigo Augusto, por todo o carinho, suporte e também pelos momentos de leveza.

Agradeço a Sheila, sempre tão companheira e sensível, por todo o amor e pelos cafezinhos.

Agradeço a Ana Lígia, por estar incondicionalmente ao meu lado – nem acima, nem abaixo.

Agradeço ao Arthur, por todo o incentivo durante esse período.

Agradeço a todas as professoras e professores que contribuíram direta ou indiretamente para que eu percorresse esse caminho.

Agradeço (sempre) à universidade pública, pois sem sua existência talvez não estivesse realizando mais este sonho.

Agradeço sobretudo às mulheres que me deram suporte durante todo esse período, que foram capazes de estender suas mãos de fato, para além das redes, para além dos papéis.

Agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Letras, por meio do qual se tornou possível a realização desse trabalho.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

*Peut-être que l'enfant apprenant à marcher se laisse
guider par une voix qui lui parle et lui donne le sol,
un sol d'herbe ou de tourbe.*

Judith Chavanne

*Ne rien retrancher
Fixer des yeux, jusqu'au bout
l'innommable
Survivre aux rompus
à la chair corrompue
Être de tout son corps
Le mot-oeil
Que nulle langue humaine
n'ose dévisager encore.*

François Cheng

*Aqui de onde o olho mira
Agora que o ouvido escuta
O tempo que a voz não fala
Mas que o coração tributa
O melhor lugar do mundo é aqui
E agora*

Gilberto Gil

Apresentação

O presente trabalho é fruto de um projeto de doutoramento financiado pela Capes. A aluna, sob orientação da Professora Doutora Daniela Mantarro Callipo, ingressou no doutorado em 2018, logo após ter obtido o título de mestra com o trabalho *De passarinhos e oiseaux: A tradução de Manoel de Barros para o leitor francófono* (2018), financiado pelo CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico). Apesar de ter permanecido no mesmo Programa de Pós-Graduação, intitulado “Literatura e Vida Social”, a aluna, durante o doutorado, migrou para o domínio da Literatura Comparada.

Foi também durante o Doutorado que a aluna pôde obter uma bolsa de doutorado sanduíche por meio do Programa de Internacionalização da Capes (PrInt) e estudou entre março e agosto de 2020 na Sorbonne Université, em Paris, sob a orientação do Professor Doutor José Leonardo Tonus. Assim, embora tenha sido um período de dificuldade por conta da pandemia de Covid-19, a aluna realizou parte dessa pesquisa fora do país.

Vale ressaltar que a aluna foi professora substituta de Língua Francesa pelo Departamento de Letras Modernas da Unesp de Assis a partir de 2014 e, desde então, tendo prestado e sido aprovada em diversos concursos para tal cargo, acumula experiência docente no Ensino Superior desde um pouco antes de seu ingresso no Mestrado. Em 2023, foi aprovada em segundo lugar no concurso para Professora de Língua Francesa no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina (CA/Ufsc) e, desde o final do período de vigência de sua bolsa de doutorado Capes, a aluna atua como Professora Substituta na Universidade Estadual de Londrina (UEL), onde ministra as disciplinas “Língua Francesa I”, “Práticas de tradução I” e “Tópicos linguísticos e culturais”, todos para o curso de graduação em Letras.

Paralelamente, durante o período que compreende seus estudos, a aluna também exercitou sua escrita literária, tendo sido finalista no Concurso de Crônicas e Contos da Unesp “Para não esquecer: literatura na pandemia”, realizado em 2021, que selecionou às cegas duas de suas crônicas, intituladas “But I’m not” e “Ninguém bate à porta” para a coletânea *Vozes do confinamento* (Editora Unesp, 2022). Além disso, no mesmo ano, a aluna lançou seu primeiro livro de poesia, o *Olho de boca* (Patuá, 2022), tendo, desde então, seus poemas divulgados por diversas revistas literárias on-line, como *Cassandra* (2022), *Sucuru* (2022), *Desvario* (2022), *Aboio* (2022), *Ruído Manifesto* (2023) e *Toró* (2023).

Sumário

Introdução.....	13
Paraíso possível.....	20
1.1 No princípio era o verbo.....	20
1.2 A paisagem ideal.....	25
1.3 O <i>locus amoenus</i>	26
1.4 O anjo decaído	27
1.5 <i>Any Where out of the world</i> e Mundo renovado	31
1.6 A rã, <i>Les Foules</i> e <i>L'invitation au Voyage</i>	38
1.7 <i>Les Vocations</i> e Um olhar.....	52
1.8 Cavalo morto, Desprezo, <i>Le crépuscule du soir</i> e <i>La belle Dorothée</i>	59
Conclusão	67
 Infâncias	 69
2.1 O paradigma da infância.....	69
2.2 Natureza, Memória & Infância	75
2.3 A infância no século XIX	77
2.4 A criança como signo	82
2.5 A criança como corpo no mundo.....	85
2.6 O trabalho edifica o homem.....	89
2.7 Representações da infância em Barros e Baudelaire	92
2.7.1 <i>Le désespoir de la vieille</i> e Armário.....	94
2.7.2 <i>Les veuves</i> , <i>Les petites vieilles</i> e O muro	99
2.7.3 <i>Le joujou du pauvre</i> , <i>Emas</i> , <i>O vidente</i> e <i>Vento</i>	104
2.7.4 <i>La Corde</i> e <i>Raphael</i>	113
Conclusão	122
 A poesia no espelho	 124
3.1 Reinauguração da linguagem e da língua	125
3.2 A draga, <i>Le chien et le flacon</i> e Comparamento.....	128

3.3 <i>Le mauvais vitrier, À une heure du matin e Les foules</i>	137
3.4 Quando o nada apareceu	147
3.5 Alarme para o silêncio	149
3.6 Poesia, Origem e Modernismo	153
3.6.1 Isto não é um poema	156
O primeiro caderno do aluno de poesia.....	157
O álbum de Pagu	161
O guardador de águas.....	163
3.6.2 Nas paredes das cavernas	166
Conclusão	167
 Considerações finais	 170
Referências	175

Introdução

Octávio Paz, poeta mexicano, ensaísta e tradutor de poesia, em seus ensaios sobre o assunto¹ diz que a palavra poética, em sua polissemia, seria um estado selvagem da linguagem. Por selvagem tomamos o sentido não de desordem, mas o da ideia de um tempo poético cíclico, em que o futuro revisita o passado, de forma a fazer da poesia uma maneira de voltar para casa, de retorno ao que é essencial ao humano. A poesia moderna, segundo ele, é uma espécie de simulacro da origem. Encostado em Deus, o poeta se faria, então, criador de um novo ser e de uma nova natureza: a natureza poética. Em *Os filhos do barro* (1974), ele diz:

A poesia moderna afirma que é a voz de um princípio anterior à história, a revelação de uma palavra original de fundação. A poesia é a linguagem original da sociedade – paixão e sensibilidade – e por isso mesmo é a verdadeira linguagem de todas as revelações e revoluções. Esse princípio é social, revolucionário: regresso ao pacto do começo, de antes da desigualdade; esse princípio é individual e diz respeito a cada homem e a cada mulher: reconquista da inocência original. Dupla oposição, à modernidade e ao cristianismo, que é uma dupla confirmação tanto do tempo histórico da modernidade (revolução) como do tempo mítico do cristianismo (inocência original). Num extremo, o tema da instauração de outra sociedade é um tema revolucionário que insere no futuro o tempo do começo; no outro extremo, o tema da restauração da inocência original é um tema religioso que insere o futuro cristão num passado anterior à Queda. A história da poesia moderna é a história das oscilações entre dois extremos: a tentação revolucionária e a tentação religiosa. (PAZ, 2014, p. 45)

Charles Baudelaire (1821-1867), tido por Rimbaud como “o primeiro vidente, rei dos poetas, um verdadeiro Deus”², é considerado pelos críticos e reconhecido por seus sucessores como o pai da poesia moderna. Como ele mesmo declarou em dedicatória a *Les Paradis artificiels* (1860), escrevia para os que ainda não haviam nascido e, portanto, escrevia para os mortos. Um homem ambíguo, Baudelaire trouxe para a poesia sua pluralidade: transitou entre a aristocracia e os princípios revolucionários, escreveu sonetos, mas revolucionou a estética. Para Michael Hamburger, em *A verdade da poesia* (2007):

Baudelaire foi protótipo; sobretudo por ter oscilado entre as posições aristocrática e revolucionária, seguro apenas de sua implacável rejeição à ordem burguesa e capitalista, em que não havia lugar para ele. Mais do que qualquer outro poeta de sua época, Baudelaire tinha consciência de viver numa civilização na qual as mercadorias assumiram o comando das coisas, dos preços, dos valores. (HAMBURGER, 2007, p. 12)

¹ Para todo esse estudo, partimos de conceitos apresentados por Octávio Paz em *O arco e a lira*, *Os filhos do barro* e *Signos em rotação*.

² Em carta de 5 de maio de 1871 (Apud HAMBURGER, 2007, p. 11)

A reação à ordem, que pode ser observada em sua poesia é a expressão da melancolia, do não-pertencimento e a busca de um lugar outro em que possa haver, perto dos elementos da Natureza, em oposição à paisagem de uma Paris urbanizada, um nirvana poético. Hamburger diz, no primeiro capítulo de *A verdade da poesia* (1969), que a obra de Baudelaire defendeu o direito à contradição e que a chave da leitura de sua obra encontra-se nas tensões:

Quase desde o princípio, Baudelaire foi considerado progressista e reacionário, original e banal, clássico e moderno, cristão satanista e materialista, artista consumado e mau escritor, moralista rigoroso e homem incapaz de sinceridade. A maior parte das divergências fundamentais com respeito às atitudes e às intenções de Baudelaire se devem a suas próprias contradições; e ele estava bem consciente dessas contradições, a ponto de fazer uma defesa geral do “direito em que todos estamos interessados – o direito de contradizer-se.” (HAMBURGER, 2007, p. 13)

Entre as tensões estabelecidas ao longo dos poemas de *Les fleurs du mal* (1857), a passagem final culmina na morte, não caracterizada como finitude, mas como o caminho do poeta para o *au-delà*. Tal caminho pode ser observado, bem como as tensões de que fala Hamburger, nesses versos do poema “La mort des amants”, traduzido por Jamil A. Haddad:

A morte dos amantes

Teremos leitos só rosas ligeiras
Divãs de profundidade tumular,
E estranhas flores sobre prateleiras,
Sob os céus belos a desabrochar.

A arder de suas luzes derradeiras,
Nossos dois corações vão fulgurar,
Tochas a refletir duas fogueiras
Em nossas duas almas, este par

Gêmeos espelhos. Por tarde mediúnica,
Nós trocaremos uma flama única
Um adeus que é um soluço tão cruel;

Pouco depois, um anjo abrindo as portas,
Virá vivificar, o mais fiel,
Os espelhos sem luz e as chamas mortas.³

³ CXXI

La Mort des Amants

Nous aurons des lits pleins d'odeurs légères,
Des divans profonds comme des tombeaux,
Et d'étranges fleurs sur des étagères,
Ecloses pour nous sous des cieux plus beaux.

Usant à l'envi leurs chaleurs dernières,
Nos deux coeurs seront deux vastes flambeaux,

Bem como na poesia de Baudelaire, a poesia de Manoel de Barros, mais de um século depois, busca a reaproximação do homem com a Natureza. Inclusive no que concerne àquilo que considera a linguagem “natural” humana, a palavra polissêmica, estado primeiro do uso da língua enquanto descoberta do mundo e também instrumento primordial da Poesia. Para Manoel de Barros, o poeta lança um olhar inaugural sobre as coisas e o faz a partir do desregramento dos sentidos. Baudelaire busca na fuga da cidade um refúgio. O convite à fuga é o momento da escrita e o estado poético torna-se um *locus amoenus*. Para Barros, a poesia também se torna o local da revolução e do abrigo. Em *O livro das ignorâncias* (1993), na série de poemas intitulada “Uma didática da invenção”, o poeta diz:

VII

No descomeço era o verbo.
 Só depois é que veio o delírio do verbo.
 O delírio do verbo estava no começo, lá onde a
 criança diz: *Eu escuto a cor dos passarinhos*.
 A criança não sabe que o verbo escutar não funciona
 para cor, mas para som.
 Então se a criança muda a função de um verbo, ele
 delira.
 E pois.
 Em poesia que é voz de poeta, que é a voz de fazer
 nascimentos –
 O verbo tem que pegar delírio. (BARROS, 2010, p. 301)

Por meio de associações sinestésicas e da concepção da poesia como um lugar, tanto a poética de Baudelaire quanto o projeto poético de Manoel de Barros, mesmo pertencendo a séculos diferentes, buscaram uma nova forma de fazer poesia e o fizeram tendo como um dos pilares o da metapoesia.

Nesse sentido, tais poéticas se tocam na medida em que cumprem, segundo os valores modernos, o papel de servir de meio ao nivelamento do humano e do mundo natural que o circunda e o compõe. Para Samoyault, a literatura é também a “retomada, a adaptação de um

Qui réfléchiront leurs doubles lumières
 Dans nos deux esprits, ces miroirs jumeaux.
 Un soir fait de rose et de bleu mystique,
 Nous échangerons un éclair unique,
 Comme un long sanglot, tout chargé d'adieux;
 Et plus tard un Ange, entr'ouvrant les portes,
 Viendra ranimer, fidèle et joyeux,
 Les miroirs ternis et les flammes mortes.

mesmo assunto a um público diferente” (2008, p. 75). Além disso, para ela a “memória da literatura atua em três níveis que não se recobrem jamais inteiramente: a memória trazida pelo texto, a memória do autor e a memória do leitor.” (2008, p. 143)

Para Hamburger (2007):

Quando examinamos nossa experiência de um poema lírico, parece-nos primeiramente que vivenciamos um enunciado de realidade, igual a um relato verbal ou epistolar, e é somente, em segundo lugar, quando analisamos o sentido de uma enunciação lírica que completamos esta experiência imediata retificando que dela não aprendemos (nem esperamos aprender) uma realidade objetiva ou uma verdade. O que esperamos aprender ou experimentar não é nada objetivo, mas significativo. (HAMBURGER, 1975, apud BÉDA, 2002, p. 193)

Em outras palavras, a poesia vem como um instrumento de transformação da realidade. Uma possibilidade de apreensão do mundo por meio dos sentidos e das vivências de cada leitor. É por essa razão que ela se apresenta de forma tão plural e forma pontos de encontro entre suas diversas manifestações.

A busca pela origem, pela essência, está presente em toda a obra de Manoel de Barros, e isso se transforma em uma busca pela palavra em seu sentido atávico. A procura da poesia preexistente e difusa entre as coisas do cotidiano, em contraponto a um mundo sem lirismo regido pelo dinamismo prático e mecânico da sociedade ocidental, acompanha a caminhada do poeta à procura de si mesmo. Walquíria Gonçalves Béda, em sua tese de doutorado denominada “A Construção poética de si mesmo: Manoel de Barros e a Autobiografia” (2007), afirma:

Passo a passo, o escritor – que utiliza os recursos vários da poética – entra no anônimo e impessoal; ou seja, onde a autobiografia tende a centralizar o sujeito, a poesia o dispersa e o desfigura. Quanto mais se retrata o pessoal, mais universal se torna. Além disso, ao tentar colocar em evidência todas as grafias possíveis de seu eu, o poeta volta-se para o que lhe é adâmico: a palavra. (BÉDA, 2002, p.20)

O entorno, seja ele o da paisagem próxima à Natureza, do Pantanal rememorado da infância ou o de Paris em pleno século XIX, tanto para um quanto para o outro poeta é material para a construção de uma dicção poética própria e vigorosa, que busca nutrir com a ideia da aproximação ao natural aquilo que pertence a todos nós. Também por esse motivo escreveram poemas universais.

Na introdução de seu livro *Intertextualidade* (2008), Samoyault diz sobre o conceito que dá título à obra:

O que é ela, com efeito, senão a memória que a literatura tem de si mesma? Entre retomada melancólica, em que ela se contempla no seu próprio espelho, e retomada subversiva ou lúdica, quando a criação se subordina à ultrapassagem daquilo que a

precede, a literatura não para de lembrar e de conter um desejo idêntico, aquele mesmo da literatura. (SAMOYAUULT, 2008, p. 10)

Trata-se de um modo que a arte literária gerou para resgatar sua própria memória. Seja para reafirmá-la ou para refutá-la, a literatura mantém um diálogo constante consigo mesma e com outras formas artísticas. Desse modo, ao colocar em diálogo, duas poesias distintas e que ainda não foram confrontadas sob estes aspectos, este trabalho pretende ressaltar semelhanças e diferenças, de forma a enaltecer as particularidades de cada uma delas. A relevância do trabalho pode ser justificada na medida em que é possível reconhecer na obra dos dois poetas uma discussão a respeito do fazer poético, bem como, em maior ou menor escala, uma proposta de renovação da poesia. Isto é, uma poesia em debate sobre a própria poesia.

Além disso, é possível identificar em certas declarações para a mídia ou até mesmo em poemas, que Manoel de Barros desejou salientar seu diálogo com alguns nomes consagrados da literatura ou das artes plásticas, o que nos ajuda a justificar a relevância deste trabalho. Destacamos um trecho de uma entrevista do poeta, concedida à Bosco Martins, Cláudia Trimarco e Douglas Diegues, publicada na revista Caros Amigos⁴, em que Manoel de Barros comenta o diálogo de sua poesia com os “faróis” da literatura ocidental.

Por que os clássicos são sempre necessários e quais influências na sua literatura, dos “faróis” da poesia mundial, Valéry, Baudelaire e Homero?

Penso que a partir dos “faróis” o poema passou a ser um objeto verbal. Por antes ele andava romântico. Recebia inspirações celestes. E até se falava em mensagens poéticas. Depois de Baudelaire, Mallarmé, Rimbaud, poesia passou a ser feita de palavras e não de sentimentos. Poesia é fenômeno de linguagem e não de ideias.

O trecho acima exemplifica momentos da vida ou da obra em que o poeta Manoel de Barros mencionou poetas como Baudelaire, indicando seus nomes como “faróis” para a literatura ocidental, e portanto, inserindo seu próprio nome numa tradição de literatura que revisita conceitos como o “desregramento dos sentidos”, ou o da “vidência” como princípios primeiros para o alcance da poesia. Fazendo isto, o poeta coloca sua literatura singular em diálogo com outras grandes literaturas. Mostra, assim, objetivos comuns entre essas diversas formas de poesia e evidencia também que, para esses poetas, é só por meio dela que se pode atingir o “ideal”, em oposição ao “spleen” do tempo presente.

A partir dessas considerações, é possível afirmar que Baudelaire e Manoel de Barros são poetas distintos que se tocam na busca da origem do homem, das sensações humanas e da

⁴ Caros Amigos, nº 117, 2008. < <http://www.tiroletra.com.br/entrevistas/ManoeldeBarros.htm> > acesso em 25/08/2018 às 18h31.

poesia. Trata-se do eterno retorno à poesia como linguagem, arte, essência, a poesia que cuida daquilo que é individual e universal ao mesmo tempo e possui o pasmar necessário diante da realidade.

Esta tese é composta por três capítulos além das considerações finais. Cada um deles é dedicado à contextualização e análises pertinentes a cada um dos eixos temáticos da Natureza, da Infância e da Metalinguagem. O primeiro deles é dedicado às representações da temática da Natureza em poemas de Baudelaire e de Barros. Nele, buscamos investigar como esse eixo temático se desenvolve a partir de diversas representações, mas que comumente estão ligadas a um certo paraíso do poeta. Para tecer uma análise comparativa entre poemas escolhidos dos dois poetas aos quais nos dedicamos, antes, foi preciso tentar compreender algumas possibilidades que se apresentam quando se fala em Natureza, a depender sempre da época, do contexto etc. Foi preciso também entender sua distinção em relação à Paisagem, todo o seu caráter artificial; quais os seus papéis em nosso imaginário; sua ligação com uma possível Origem e também como a Natureza, em sua pluralidade de definições, possibilita a criação de um espaço à salvo onde o poeta moderno, rejeitado, apartado, possa ser livre para exercer sua Poesia.

O segundo capítulo traz a temática da Infância. Dentro dessa temática, tentamos tratar, evocando os estudos fenomenológicos, de sua ligação com a ideia de Origem, de memória e do caráter universal que a Infância pode assumir. Por se tratar de um conceito relativamente novo, que data do século XIX, em seguida, procuramos compreender quais as características e valores sociais em relação aos universos infantis tanto da criança burguesa quanto da criança desprovida de recursos, durante o século XIX, contexto em que a infância aparece em poemas de Baudelaire, bem como no século XX, no Brasil, que está relacionada às representações da infância em poemas de Manoel de Barros. Ao longo das análises, constatamos que, embora esteja, muitas vezes, ligada ao ideal de um ser humano puro, ainda não corrompido, suas nuances revelam crianças por vezes astutas, outras tantas passivas e tratadas como estorvo; ideais de Beleza; crianças cujos desportares sexuais estão em pleno curso para a fase adulta; crianças já em contato com a miséria material ou espiritual, entre várias outras facetas que se revelam e abalam as convicções a respeito de sua complexidade.

Já o terceiro capítulo, trata do engenho da metalinguagem e suas diversas manifestações nas obras de Barros e Baudelaire. Sabemos que a prática da metapoesia é um elemento bastante frequente na modernidade literária. Nesse capítulo, discorreremos acerca de sua ligação com os dois primeiros eixos temáticos. São discutidos também o lugar da Poesia e do Poeta tanto hoje

como no passado. Assim, constatamos, por meio das análises de poemas escolhidos, como a tendência autorreferente de certa poesia moderna se dá nos poemas em prosa de *Le spleen de Paris* (1869) e em poemas escolhidos do poeta Manoel de Barros, bem como evocamos alguns outros poemas e poetas a fim de ressaltar aspectos como o humor e a ironia como próprios da poesia moderna.

Considerações finais

Ao longo desse processo de análise comparativa entre poemas do poeta brasileiro Manoel de Barros e do poeta francês Charles Baudelaire, em poemas em prosa do *Spleen de Paris*, nos propusemos a pensar, sobretudo, como aparecem nesses poemas as temáticas da Natureza, da Infância e da Metalinguagem. A obra de Baudelaire representa uma grande reviravolta tanto nos âmbitos temáticos, quanto na radicalização dos poemas, que romperam as fronteiras de gênero de sua forma tradicional, em versos, ainda conservada em *Les fleurs du mal* (1857), embora seja ela mesma símbolo de absoluta modernidade. *Le Spleen de Paris* é uma obra permeada pelo sarcasmo, que traz em si alguns flagrantes ácidos da vida e do pensamento modernos.

Já a poesia de Barros, que se inaugura em 1937, quase um século após os escandalosos lançamentos das obras de Baudelaire encontra-se diacronicamente alinhada com a terceira fase do Modernismo brasileiro, embora esteja mesmo em harmonia com os primeiros experimentos modernistas com a linguagem. Trata-se de uma poesia singular, mas que certamente se constrói sobre ecos modernos, vanguardistas e modernistas, na medida em que dialoga com a tradição literária ocidental, por vezes evocando poetas de outras épocas e, tantas outras, aludindo às mitologias grega ou romana, à poesia greco-latina etc, como é o caso, por exemplo, do poema “Raphael”, último poema analisado nessa tese, no capítulo que trata das Infâncias.

Mesmo havendo poucas evocações diretas ao nome ou à obra de Baudelaire na obra de Manoel de Barros, há uma herança moderna que se instaura de maneira já tão simbiótica nos valores estéticos a partir do início do século XX, que seria difícil que a obra barreana pudesse escapar a certas referências europeias como é o caso da obra baudelairiana. No entanto, há ainda uma aproximação temática possível entre seus poemas e, assim, discorreremos a respeito delas durante os três capítulos. Por se tratar de temáticas abrangentes, procuramos, primeiramente, delimitar as noções de Natureza, Infância e Metalinguagem sobre as quais iríamos nortear as análises dos textos.

No primeiro capítulo da tese, que versa sobre a temática da Natureza, buscamos verificar o caráter artificial que ela carrega em nosso imaginário, criado a partir da noção de Paisagem. A artificialidade parece se opor à ideia de Natureza em prol de um laço possível com uma esperança de acesso ao momento original. Esse lugar, sonhado por nós e há muito buscado pela Poesia e por outras artes, conforme vimos, pode vir de uma impressão que remonta aos

primeiros humanos, caçadores-coletores, portanto nômades, que provavelmente passaram a imaginar um lugar e um tempo em que a dificuldade de sobrevivência fosse superada. Esse desejo de criação de um tempo e de um espaço de abrigo muito provavelmente impulsionou a capacidade criativa humana para perto de uma Natureza paradisíaca, harmônica e, sobretudo, estática.

Por outro lado, lidamos com os desvios dessa busca pelo Bom, pelo Belo e pelo Justo, quando esbarramos em nossas próprias corrupções, conforme ilustra a obra de Baudelaire. A modernidade encontra-se já distante demais desse caminho de volta. Não se recorda de seu acesso, mas tenta incessantemente e falha em sua busca. O poeta moderno fracassa na procura pela Natureza, então cria seu próprio *locus amoenus*, mais humano, mais ambíguo, afastado da perfeição e da harmonia que a proximidade com a Natureza pressupõe em nosso imaginário paradisíaco: às vezes, apenas a mata onde os olhos do eu-lírico acompanham o recolhimento dos músicos, que voltam para dormir na floresta, onde o ambiente não os devora, como na história contada pelo menino-poeta em “*Les Vocations*”, ou ainda, no próprio cair da tarde, quando a noite se anuncia por meio da beleza das cores oferecidas aos olhos sensíveis do poeta, como no poema “*Le crépuscule du soir*”. A poesia é, então, o paraíso possível desse poeta que debocha da própria existência.

Nos poemas de Manoel de Barros, a Natureza chega, por vezes, a se animar enquanto voz de seres não-humanos. Ao assumir perspectivas diversas, como é o caso da rã que reivindica sua importância e faz do eu-lírico seu advogado, no poema intitulado “A rã”, a Natureza chama a atenção para uma inversão de valores bem como de vozes. Nesse sentido, além de compor um refúgio para o poeta, fala com o leitor e convida a repensar a realidade pelo viés da poesia. Em “Mundo renovado”, por exemplo, sua força de expressão está na água, símbolo de purificação, que se derrama e transforma o mundo porque dá vida aos brotinhos e se abre à surpresa dos cogumelos surgidos do estrume. Do lixo diretamente para o luxo. Bastou umedecer o entorno com a água benta da poesia, para que nele brotassem novas possibilidades. Assim, a proximidade da Natureza se oferece como uma volta ao Paraíso.

Há momentos, em que se mostra por meio do erotismo bem como do exotismo, como por exemplo em “*La belle Dorothée*”. A mulher ganha atributos de uma paisagem jamais vista, mas sonhada. Lá, o eu-lírico descobre os encantos do sol, do calor, por meio do corpo da figura feminina, como um paraíso a ser descoberto. Há também a evocação da Natureza pela utópica Cocanha, que aparece em “*L’invitation au Voyage*”. Lá, a Natureza encontra equilíbrio em recursos ao alcance de todos. Todos os prazeres se oferecem aos convidados à viagem.

No mais, por vezes, sua representação transita para o lado oposto ao da harmonia em que tradicionalmente se apoia. No embate entre Cultura e Natureza, ela pode assumir o papel representativo do abandono e do descaso, como no caso do poema “Desprezo”, em que a contraposição com a cidade grande, o avanço, revelam a precariedade daqueles que são esquecidos dentro de certa organização social e que, portanto, não possuem acesso aos bens da dita civilização. Na obra de Baudelaire também encontramos, diversas vezes, um eu-lírico alimentado por uma paisagem opressora e matizada pelo Mal, quase sempre representada pela escuridão da noite, pelo frio, pelas auroras boreais, embora também nelas esse eu-lírico seja capaz de encontrar gozo em uma Beleza devoradora, afinal o Mal é um importante componente estético da obra baudelairiana.

Já no segundo capítulo da tese, quando pensamos em retratar um percurso das Infâncias nas análises comparativas travadas, neste trabalho, entre os poemas de Barros e de Baudelaire, podemos destacar, primeiramente, que para Baudelaire, a Infância não compõe junto à Natureza e à Metalinguagem um tripé indissociável, bem como pudemos observar na obra de Manoel de Barros. Trata-se antes de representações esporádicas que vão normalmente dialogar com a figura do poeta e de outras personas sociais, por exemplo, a burguesa, como em “*Les Vocations*” ou em “*Le joujou du pauvre*”, que denuncia a discrepância entre a burguesia e a classe operária, mas também opõe o (mau) gosto burguês às novas tendências estéticas. Podem agir como representantes dessa nova poesia que se inaugurava no século XIX, como em “*Le Désespoir de la vieille*”, em que a voz do bebê preenche o espaço vazio deixado pela figura oposta, a de uma velha de aparência grotesca, símbolo dos antigos hábitos literários com os quais se desejava romper, ou ainda, como signo da própria Beleza, mas aquela que encontra conforto apenas na morte, talvez como um passaporte para o outro lado que se busca incessantemente. A Beleza no poema “*La Corde*” não sobrevive ao entorno tomado pelo Mal. Assim, em Baudelaire percebemos que a imagem da criança está mais associada a uma função metapoética do que propriamente à esfera da Natureza.

Na obra de Manoel de Barros, a Infância ocupa lugares diversos, aparece mais frequentemente e em posição de maior destaque. Sua perspectiva assume, por vezes, a da voz poética. Por estar próxima da Natureza enquanto Origem, por representar o frescor do despertar da palavra, o poeta se apropria de sua fala polissêmica e experimental como método de criação. A memória infantil se confunde com a própria memória da existência, de modo que seu *modus operandi* sirva como uma possibilidade de acesso a esse primeiro momento do mundo. O poeta

deseja o reencontro com o nascimento da palavra, que coincide com o do ser, por isso investe na criança como guia conhecedor desse trajeto que ambiciona.

Há também uma característica pouco mencionada pela crítica e que buscamos ressaltar em nossas análises. Em oposição a uma representação calcada sobre a ideia da pureza do espírito infantil, em certos poemas de Manoel de Barros a criança aparece como agente de pequenas crueldades contra animais. Misturados às brincadeiras, as crianças – frequentemente meninos – tentam exercer sua dominação contra alguns animais e, conforme vimos, esse comportamento revela o despertar da sexualidade na criança, que por ser um tema considerado tabu, não recebe a devida atenção por parte da crítica da obra de Barros. A descoberta do amor, a curiosidade sexual fazem parte do desenvolvimento da criança e assim são tratadas na obra de Manoel de Barros: aparecem como parte da vida. Os valores poéticos invertem uma série de valores pré-estabelecidos fora da ordem da Poesia, portanto, na poética baudelaireana, os juízos de valores também partem de um olhar oblíquo sobre o mundo. O que nos parece natural, nesse universo poético, pode ganhar novos contornos e causar estranhamento. Com a figura da criança não haveria de ser diferente.

No terceiro e último capítulo da tese, tratamos da temática da Metalinguagem, primordial tanto para a poética de Baudelaire, considerado pai da poesia moderna, quanto para o estilo experimental da poesia de Manoel de Barros. Para os poemas do primeiro bem como para os do segundo, a autorreferência e a discussão literária são unanimidade entre as camadas de leitura possíveis. Trata-se, no caso de Baudelaire, da proposta de renovação de um código poético que já não dá conta das múltiplas transformações sociais da época, da ambiguidade de um humano que reconhece seu fracasso frente aos valores cultivados até então. Assim, uma nova forma poética, que versasse sobre o sublime, mas também sobre o grotesco, que tentasse abarcar a imensidão, mas também as mesquinharias humanas, se anunciava. Em Barros, por outro lado, há ainda o fator de reivindicação de uma língua, de uma história, de uma origem à altura dos sonhos de uma cultura outrora colonizada. Se a Poesia é a ressignificação da realidade, nem mesmo os mitos de formação podem escapar ao seu crivo.

Na modernidade, o poeta deixa de ser um ente superior ao humano comum para se tornar – no máximo – o mediador fracassado entre dois lados incomunicáveis. Um ser cuja voz é inaudível, não por ser mais digna, mas por não ter o peso da autoridade: o andarilho, o bocó, o *flâneur*, a criança. O poeta espia o mundo e narra uma história que não tem importância. O poeta é o cão, é o menino, é aquele que conversa com a pedra e com a rã. Não possui lugar demarcado em meios reconhecidos, é o artista que, quando toca sua música, como em “*Les*

Vocations”, não encontra quem a aprecie; quando oferece aos sentidos do cão o mais refinado perfume, como no poema “*Le chien et le flacon*”, o animal, bem como seu público, rejeita seu feito por não poder compreendê-lo. O poeta é também aquele que atenta contra o mau-vidraceiro, símbolo da velha poesia, como que dizendo que se não sabe fazê-la, melhor então que a destrua.

Assim, a metalinguagem se apresenta em diversos âmbitos desses poemas. Seja no diálogo com a tradição, quando, por exemplo, o eu-lírico baudelairiano evoca o mito da Cocanha, muito conhecido na literatura francesa; ou quando os poemas de Baudelaire ou de Barros trazem em seu cerne uma discussão acerca da própria feitura da poesia, seu diálogo inflamado com outras tradições; ou ainda quando se propõe a revelar o não-lugar ao qual pertence a voz que se oferece à prática poética.

Este trabalho se propôs a investigar a formação de um *locus amoenus* por meio da criação poética. Pode-se dizer que tanto Barros quanto Baudelaire engendram na Poesia um local de abrigo, um *au-delà* contrário à realidade que os expulsa, mas semelhante o suficiente para refletir o lado em que nos encontramos. A poesia diante de um espelho por vezes enxerga o silêncio. Quer ser desenho, experimentação sonora, objeto. Quer ficar muda. Não quer dizer nada. É feita da mesma matéria maleável do sonho. Tudo quanto é possível sonhar, também é possível dizer e criar sob a ótica da Poesia.

Referências

De Baudelaire

BAUDELAIRE, Charles. *As flores do mal*. São Paulo: Penguin Companhia, 2019. (Edição bilingue)

_____. *Le spleen de Paris*. Paris : Folio Plus Classiques, 2016.

_____. *O spleen de Paris : Pequenos poemas em prosa*. Trad. TITAN JR, Samuel. São Paulo: Editora 34, 2020.

BENJAMIN, Walter. O flâneur. In. : _____. *Baudelaire e a modernidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

_____. Paris, capital do século XIX. In: _____. *Walter Benjamin*. São Paulo: Ática, 1991.

_____. *Paris, capitale du XIX siècle*. Paris : Allia, 2003. (version électronique)

GOMES, Álvaro Cardoso. A desconstrução do paraíso. *Miscelânea*. Assis, v. 23, p. 11-25, jan-jun, 2018.

SCEPI, Henri. « Genre et registre ». In : BAUDELAIRE, Charles. *Le spleen de Paris*. Paris : Folio Plus Classiques, 2016. p. 169-192.

_____. « L'écrivain à sa table de travail ». In : BAUDELAIRE, Charles. *Le spleen de Paris*. Paris : Folio Plus Classiques, 2016. p. 193-203.

LAGIER, Valérie. « Du tableau au texte : l'enfant aux cerises d'Édouard Manet ». In : BAUDELAIRE, Charles. *Le spleen de Paris*. Paris : Folio Plus Classiques, 2016. p. 139-145.

De Barros

BARROS, Manoel de. *Poesia Completa*. São Paulo, Leya, 2010.

_____. *Memórias inventadas: As infâncias de Manoel de Barros*. São Paulo: Planeta, 2008.

_____. *O guardador de águas*. São Paulo: Leya, 2013.

BÉDA, Walquíria Gonçalves. *A construção poética de si mesmo: Manoel de Barros e a Autobiografia*. 2007. Tese (Doutorado). Universidade Estadual Paulista, Assis, 2007.

LINO, Patrícia. *Manoel de Barros e a poesia cínica: O círculo dos três movimentos com vista ao Homem-Árvore*. Belo Horizonte: Relicário, 2019.

_____. “Manoel de Barros e a poética do rewind”. In.: _____. COUTINHO, A. P.; OUTEIRINHO, M. F.; EIRAS, P.; MARTELO, R. M. *Materiais para salvação do mundo I*. Porto: Instituto de Literatura Comparada Margarida Rosa, 2021.

Natureza

BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos*. São Paulo: Martins Fontes, 2018.

_____. *A poética do devaneio*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

BARROS, Manoel de. *Poesia Completa*. São Paulo: Leya, 2010.

BAUDELAIRE, Charles. *As flores do mal*. ed. Bilingue. São Paulo : Penguin Companhia, 2019.

_____. *Le spleen de Paris*. Paris : Folio Plus Classiques, 2016.

_____. *O spleen de Paris : Pequenos poemas em prosa*. Trad. TITAN, Samuel. São Paulo: Editora 34, 2020.

CASTRO, Eduardo Viveiros de. Esboço de cosmologia yawalapíti. In.:_____ *A inconstância da alma selvagem*. São Paulo: Ubu editora, 2020.

_____. Perspectivismo e multinaturalismo na América indígena. In.:_____ *A inconstância da alma selvagem*. São Paulo: Ubu editora, 2020.

CAUQUELIN, Anne. *L'invention du paysage*. Paris: PUF, 2000.

COLLOT, Michel. *Paysage et poésie: du romantisme à nos jours*. Paris : José Corti, 2005.

_____. Paysage, poésie et sensation. *Revista de Letras*. v. 1, n. 34, p. 7-16, jan./jun., 2015.

CURTIUS, Ernst Robert. *Literatura europeia e idade média latina*. Brasília: Instituto Nacional do Livro, 1979.

DESCOLA, Philippe. *Outras naturezas, outras culturas*. São Paulo: Editora 34, 2016.

DUFRENNE, Mikel. *L'inventaire des a priori - recherche de l'origine* (1980) – Microfiche

FRANCO JÚNIOR, Hilário. *Cocanha: a história de um país imaginário*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

GUATTARI, Félix. *As três ecologias*. Campinas: Papirus Editora, 2020.

KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

LEVIS, Carolina. *Persistent effects of pre-Columbian plant domestication on Amazonian forest composition*. *Science*. Vol. 355, 925, p. 925-931, fevereiro, 2017.

SAID, Edward. *Orientalismo : O oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia de bolso, 2007.

ZIEGLER, Damien. *Traité du paysage moderne*. La Fresnaie-Fayel : Otrante, 2019.

Infância

AGAMBEN, Giorgio. *Infância e História: Destruição da Experiência e Origem da História*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014, p. 9 - 107.

BACHELARD, Gaston. *Les rêveries vers l'enfance*. In: _____. *La poétique de la rêverie*. Paris: PUF, 1986, p. 84-123.

BECCHI, Egle. Le XIX^e siècle. In : BECCHI, Dominique; JULIA, Dominique.. *Histoire de l'enfance en occident : du XVIII^e siècle à nos jours*, Tome 2. Paris: Éditions du Seuil, 1998, p. 147-223.

CORSINI, Carlo. Le XX^e siècle. In: _____. *Histoire de l'enfance en occident: du XVIII^e siècle à nos jours*. Tome 2. Paris: Éditions du Seuil, 1998. p. 273-303.

DUFRENNE, *L'inventaire des A Priori : Recherche de l'originare*. Paris : Christian Bourgois Editeur, 1981 (Microfiche) .

FREUD, S. *Obras completas volume 8: O delírio e os sonhos na Gradiva, Análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos (1906-1909)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

_____. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos (1901-1905)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

PIAGET, J. *A linguagem e o pensamento da criança*. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura, 1973.

DEL PRIORE M. *A história da criança no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1991.

SANTOS, M. Criança e criminalidade no início do século XX. In: PRIORE, M. *História das crianças no Brasil*. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

Metalinguagem

BARTHES, R. "Existe uma escrita poética?" in: *O grau zero da escrita*. Trad. Mário Laranjeira. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 37-46.

BLANCHOT, M. *A parte do fogo*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

CÉSAIRE, Aimé. *Discurso sobre o colonialismo*. Lisboa: Sá da Costa Editora, 1978.

EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. Lisboa: Temas e Debates, 2003.

HUIZINGA, Johan. O jogo e a poesia; A função da forma poética. In: *Homo Ludens*. São Paulo: Perspectiva, 2007.

SANTIAGO, Silviano. *Vale quanto pesa: Ensaio sobre questões político-culturais*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

THIONG'O, Ngugi wa. *Decolonising the mind*. Harare: Zimbabwe Publishing House, 1994.

PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

_____. *Os filhos do barro*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

Outros

ANDRADE, Mário de. *Macunaíma*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira (Saraiva de bolso), 2012.

ANDRADE, Oswald de. *Poesias reunidas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

CAMPOS, Augusto de. *Pagu: Vida-Obra*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.

CHEVALIER, J; GHEERBRANT, A. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. São Paulo: José Olympio, 2020.

HAMBURGER, Michael. *A verdade da poesia*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

ROBERT, Paul. *Le nouveau petit Robert : Dictionnaire Alphabétique et Analogue de la Langue Française*. Paris : Dictionnaires Le Robert, 1995.

SAMOYAULT, Tiphaine. *A intertextualidade*. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.

WOOLF, Virgínia. O valor do riso. In: _____. *O valor do riso*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.